



# REVISTA APOTHEKE

## PELES PEDAGÓGICAS

Mirian Celeste Martins (Mackenzie/SP)

### Resumo

Ao apresentar o livro sensorial *Peles Pedagógicas* (2010) composto como um mostruário de tecidos este artigo se torna um modo de pensar sobre processos de criação e desvelar a vida de artista, de pesquisadora e de professora que nele se visibiliza. As "peles-metáforas" foram produzidas com matérias, texturas, cores, formas, palavras e porcentagens que, como tecido-metáfora, provocam outras leituras.

**Palavras-chaves:** Arte; Docência; pesquisa; metáfora.

### Abstract

Presenting the sensory book *Pedagogic Skins* (2010) compound as a tissue showcase this article becomes a way to think about creative processes and reveal the life of one artist, researcher and teacher present in it. The "skin-metaphors" were produced with materials, textures, colors, shapes, words and percentages, such as tissue-metaphor provoke further lecture.

**Keywords:** Art; teaching; research; metaphor.

### Resumo visual:



Pele-corpo.

Fantasia, máscara ou o recheio de mim virado do avesso?

Peles pedagógicas.

No mostruário escolho, seleciono, misturo, transformo,  
transpiro compartilhando tecidos-metáfora.

Fazer-se professor, pensar-se professor.

Memórias e sonhos. Esperanças.

No toque, sentidos se ampliam

E remexem na intimidade da pele. Minha. Tua.

De quem foi/está professor ou aluno.

Provocações para seguir pensando

com as sensações entre os dedos.

Mirian Celeste Martins (outubro, 2010)

Tudo começou com um convite do professor, artista, pesquisador e curador Marcos Rizolli: participar de uma exposição - *Biblioteca*



*sensorial*, sob sua curadoria. Concordando com Cauê Alves (2010, p. 46) que o curador é “[...] um profissional cuja ação pode ser instituinte no sentido em que abre um acontecimento que está por vir e assim possibilita uma série de outras experiências que podem formar uma história”, a proposição de Marcos Rizolli provocou em mim uma ebulição criativa. Desafiada por esse acontecimento que estaria por vir e, reconhecendo que minha criação pessoal tem andado mais focada nas palavras e ações pedagógicas do que em trabalhos artísticos, aceitei o convite sem nenhuma resistência. Assim, poderia conectar a atitude de artista com a pesquisa que tem alimentado também minha vida de professora, especialmente em relação à mediação cultural e formação de educadores.

Ao meu ver uma proposição de biblioteca sensorial traduz um desejo de promover encontros entre os visitantes e seus corpos com algo criado para ser “lido”, um acontecimento a impulsionar experiências outras. Neste artigo, neste dossiê dedicado ao artista, educador e pesquisador, utilizo-me desta experiência vivida para rever processos de criação e desvelar a vida de artista, de pesquisadora e de professora que no livro de artista se visibiliza.

### **(des)caminhos da criação**

Nós somos como tartarugas, carregamos a casa. Essa casa são as lembranças. Nós não poderíamos testemunhar o hoje se não tivéssemos por dentro o ontem porque seríamos uns tolos a olhar as coisas como recém-nascidos, como sacos vazios. Nós só podemos ver as coisas com clareza e nitidez porque temos um passado. E o passado se coloca para ajudar a ver e compreender o momento que estamos vivendo. (CAMARGO, 1998, p.34).

Nas palavras do artista Iberê Camargo (1998) em seu livro *Gavetas dos guardados*, se desvela a estreita relação entre passado e presente. Carregamos nossas experiências de vida, as lembranças, o passado e são trazidas à tona no momento da criação como nas *Peles pedagógicas*. O momento presente é regado pelo passado que, armazenado, revive ao encontrar-se frente a uma nova situação. “[...] todo indivíduo traz consigo, ao exercer sua individualidade, um modo de ver e sentir que, em sua interação com o material antigo, cria algo novo, algo que não existe na experiência” (DEWEY, 2010, p. 219). Para ele, o velho e o novo soltam chispas e quando se ajustam



nasce a intuição que cria harmonias inesperadas, rearranjos do que sabíamos, nascidos repentinamente ou marcados por períodos de incubação. Rever-se, revolver-se, intuir/rearranjar as camadas sobrepostas / justapostas da artista, professora, pesquisadora...

No diário de bordo que acompanha este projeto para a Biblioteca sensorial, pode-se perceber momentos de clareza e inquietação durante o processo. Vê-se que das referências passadas surge a ideia de fazer um livro com luvas de silicone coloridas com surpresas táteis. Uma possível recriação a partir de objetos relacionais criados por Lygia Clark como as *Luvas sensoriais* (1968), que me levaram a nomear de objetos propositores dispositivos para a mediação cultural (MARTINS, 2005, 2012). Relembro também a experiência tátil de minha orientanda Maria Cecília Santiago (2005) que pesquisou a experiência estética em portadores de baixa visão. Mas, me perguntava: por que o sentido da sensorialidade ficaria preso às mãos?

De volta ao meu percurso formativo/pessoal/artístico, a inquietude da pergunta, escrita no diário de bordo, me leva hoje à minha tese de doutorado (MARTINS, 1998) onde trabalhei com a metáfora da cigarra e a da formiga, acreditando que os projetos nos fazem cigarras, nos fazem voar e cantarolar frente a planos, sejam de uma proposição artística ou planos de aula. Nesta tese, o depoimento da artista, professora e pesquisadora Regina Silveira conta o projeto para *Gone Wild*, instalação no Museu de San Diego/USA e revela que os dados que tem para criar, como a planta do hall onde ficaria a instalação e tempo restrito, não são limitantes, mas provocativos, oferecem-se como parâmetros. Assim também são parâmetros a criação de algo que permita "leituras", já que é para uma biblioteca sensorial. Entre os momentos de caos, de aproveitamento do que emergia, de tolerância com o que ainda não estava definido, uma lembrança abriu uma fenda. Não sei bem qual a origem, mas já fazia parte de minhas palavras-conceitos a ideia de *peles pedagógicas*. Talvez possa reencontrá-la nos textos reflexivos que escrevíamos no Espaço Pedagógico onde atuei com Madalena Freire, Juliana Davini e Fátima Camargo na formação de educadores. Uma ideia potente. Não temos uma pele, mas muitas, que se transformam e se



metamorfoseiam frente a cada situação, a cada encontro com os estudantes que conosco convivem.

Pele dedicada, machucada, ferida, ressecada, desesperançada, otimista, infantilizada, pele tatuada, pele surrada, suturada, remoída pela memória que aquece e que entristece, pele marcada por rígidas estruturas como espinhos... Com peles distintas e singulares, nasceu a ideia de fotografias de tecidos-metáforas compondo um álbum como os de gravura. Inicialmente, esse álbum viria acompanhado de um kit sobrevivência: colírio para ver pelos olhos de outros; creme para feridas, gaze para palavras silenciadas; algodão para limpar as misturas de si mesmo com as marcas dos outros que impedem a percepção do que é de cada um; pomada para peles ressecadas; filtro protetor para raios de comando sem sentido; comprimidos de vitaminas múltiplas para renovar energias...

No processo, abandonei o kit de sobrevivência, pois os tecidos pensados para essas peles teimaram em convidar sensorialmente para um outro caminho, para o toque e daí nasceu com mais clareza o mostruário de tecidos, como aqueles que se escolhe tecidos para forração de sofás ou para cortinas.

Em uma conceituada loja especializada em tecidos, fui buscar a forma da pasta mostruário. Minha intenção era obter uma já gasta pelo tempo, mas não foi possível. Mas obedeci ao mesmo tamanho e cor e assinei na capa como se fosse um designer: *Mostruário - Peles Pedagógicas*, by *mcmartins*. Na Figura 1 os tecidos que se vê ao fundo do mostruário na loja são substituídos por livros em minha escrivaninha. Para complementar, encomendei o título em braile, assim como as tabelas que acompanham cada tecido.



Figura 1. Mirian Celeste Martins (2016). *Do modelo na loja de tecidos para a criação fotografada na mesa de trabalho*. Fotoensaio composto por quatro fotografias digitais da autora.

Onze tecidos-metáforas compõem o mostruário, que é complementado com uma espécie de ficha que apresenta a epígrafe que abre este artigo, pequenas fotos dos tecidos e a sua porcentagem (há muito o que refletir nelas). Também faz parte um pequeno caderno de bordo que registrava o processo e a busca pela materialidade. Busca constante que me fez percorrer lojas de produtos diversos, assim como bisbilhotar armários e gavetas, além de recorrer aos velhos tecidos de roupas usadas que tenho, ou tinha, o hábito de guardar.

Lembro-me de registrar fotograficamente o processo, mas não fui capaz de encontrar estas fotos, provavelmente arquivadas entre tantas outras imagens digitais. Parece que éramos mais cuidadosos com os álbuns de 24 ou 36 fotos analógicas que buscávamos ansiosos no laboratório fotográfico.

Na época da escrita final da minha tese, Regina Machado (1998) também escrevia seu livro *A formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo*. Estudiosa da imaginação, Regina apresenta o trabalho de Gilbert Durand que formula a necessidade de uma pedagogia do imaginário:

O trabalho de Durand busca mostrar que tanto a cigarra quanto a formiga não são duas instâncias que exemplificam dois tipos de atividade, uma mais importante - o conhecimento científico - e outra menos importante - a imaginação, mas advoga para a imaginação uma pertinência essencial na constituição de qualquer forma de atividade humana, seja ela estética, científica ou prática (MACHADO, 1989, p.308).



O mostruário nasce como mais uma metáfora conectada com a proposta da metamorfose da cigarra/formiga. Cada tecido composto com colagem, recortes e costuras, mostra a porcentagem de sua composição, repetindo o que vemos no mostruário real. Ao re-ver o processo de criação para *Peles Pedagógicas*, o estético, o científico e o cotidiano parecem presentes em sua proposição. O que nos dirão os tecidos neste mostruário, apresentado a seguir?



**Tecido #1**

Figura 2: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #1*. (véus de missa, flores e plumas de buquê de noiva e leve tecido com pequeno brilho de um vestido de festa). Fotografia independente. Fotografia digital da autora

Composição do tecido #1:

- 63,3%\_ memórias de afetos aquecidos
- 13,8%\_ amorosidade condensada
- 11,8%\_ lembranças de abraços, de ritos de despedida no final de cada ano
- 11,1%\_ coleta sensorial: delicadeza/transparência



**Tecido #2**

Figura 3: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #2* (pele tatuada com nomes).  
Fotografia independente. Fotografia digital da autora.

Composição do tecido 2:

- 33,33%\_ misturas de si
- 33,33%\_ intercessores que contaminam
- 33,33%\_ ressonâncias-ações que impulsionam procuras



**Tecido #3**

64

Figura 4: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #3* (patchwork). Fotografia independente. Fotografia digital da autora.

Composição do tecido #3:

55,5%\_ patrimônios do vivido  
33,3%\_ fragmentos viventes  
16,1%\_ coleta sensorial nos guardados  
10,4%\_ doces saudades



**Tecido #4**

Figura 5: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #4 (camadas)*. Fotografia independente.

Composição do tecido #4:

80,9% \_ marcas do tempo, cicatrizes sem dor  
15,5% \_ camadas sentidas dando sentido  
08,8% \_ rugas da pele  
03,5% \_ vozes silenciadas, conversas internas



**Tecido #5**

Figura 6: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #5* (da natureza). Fotografia independente. Fotografia digital da autora.

Composição do tecido #5:

- 27%\_ pele orgânica
- 27%\_ tramas, trança, entrelaçamentos
- 27%\_ nervuras secas
- 19%\_ vigília criativa



**Tecido #6**

Figura 7: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #6* (jeans surrado).  
Fotografia independente. Fotografia digital da autora

67

Composição do tecido #6:

33,3%\_ pele azul desbotada  
33,3%\_ cotidiano surrado  
33,3%\_ alguém como recheio  
0,01%\_ maciez do já conhecido



**Tecido #7**

Figura 8: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #7* (chita). Fotografia independente. Fotografia digital da autora

Composição do tecido #7:

30,6%\_ pele de infância persistente  
44,4%\_ cores da brasilidade  
13,1%\_ bonitinho, lindinho, mimosinho, nhém nhém  
nhém  
11,9%\_ meninice prolongada em fios



**Tecido #8**

Figura 9: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #8* (pele armadura).  
Fotografia independente. Fotografia digital da autora

Composição do tecido #8:

71,5%\_ fria armadura metálica  
13,8%\_ ferida que sangra recoberta  
10,8%\_ brilho falso em grito sufocado  
03,9%\_ filtro camuflado



**Tecido #9**

Figura 10: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #9* (estruturas sobre espinhos). Fotografia independente. Fotografia digital da autora

Composição do tecido #9:

55,4%\_ espinhos-pele que alinham estruturas  
22,6%\_ obediência incorporada que fere a si e ao  
outro  
13,2%\_ linhas de fuga, rupturas, fendas  
08,8%\_ "Cumpra-se"



**Tecido #10**

Figura 11: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #10* (vermelho) (este é o nome da obra ou a descrição do material? ). Fotografia independente.

71

Fotografia digital da autora

Composição do tecido #10:

49,9%\_ não-pele  
49,9%\_ ferida à flor da pele  
01,8%\_ casca, crosta  
01,8%\_ ranhuras da dor



**Tecido #11**

Figura 12: Mirian Celeste Martins (2010) *Tecido #11* (liso). Fotografia independente. Fotografia digital da autora.

72

Composição do tecido #11:

48,5%\_ maciez sem marcas  
48,5%\_ espaço liso deleuziano  
01,5%\_ idealização, ingenuidade  
01,5%\_ visão de Polyana



### **Peles pedagógicas**

Não somos espelhos que refletem a realidade, mas conversadores que a entrevistam. (MARINA, 1995, p. 124).

Muitos aspectos poderiam ser aprofundados no livro de artista e seus tecidos de peles pedagógicas, entre delicadezas, durezas, resistências frente aos limites sufocantes e ao “cumpra-se”. Pequenas flores e plumas se escondem na leveza e transparência da pele delicada. Após décadas de trabalho com arte, e formação de artistas e de educadores, tantas lembranças de abraços, de encontros, de ritos de despedida de final de ano. Memórias do passado terno e frágil ou que deixaram rugas, feridas, cicatrizes em armaduras e peles machucadas, com marcas do tempo. Texturas múltiplas, macias ou espinhosas, duras e moles. Tecidos e ideias, ideias tecidas. Diferentes composições dos tecidos que compõe as peles, entre materiais orgânicos e sintéticos, no sentido literal e metafórico. Para quem não conhece o ofício e não olha mais profundamente, a ilusão do material brilhante e da falsa resistência da pele-armadura que esconde a dor. A décima primeira traz a pele lisa, fugindo de espaços estriados que nos levam a trilhar caminhos já trilhados. Lembrando o conceito de Deleuze e Guatarri (1997), autores também presentes no segundo tecido e instaura a trama entre as páginas deste livro, e dele com a vida.

73

Tudo isso à flor da pele, camadas de memória de minha experiência, tecidos transbordam pelas gavetas... e espero que possam sensibilizar algo nos intercessores (DELEUZE, ....). que vierem a tocar o livro sensorial e que vierem a folhear este artigo.

Aqui, *Peles pedagógicas* são provocações para seguir no ofício da vida de artista, professora e pesquisadora que tantos de nós operam, junto com tantas outras facetas de quem vive intensamente. Continuemos “com as sensações entre os dedos”...

### **REFERÊNCIAS**



## REVISTA APOTHEKE

- ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. In: RAMOS, Alexandre. D. (org.). *Sobre o ofício do curador*. Porto Alegre: Zouk, 2010, p. 43-57.
- CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos guardados*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_ e GUATTARI, Félix. O liso e o estriado. Tradução: Peter Pál Pelbart. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 179-214.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MACHADO, Regina. *Arte-Educação e o conto de Tradição Oral: Elementos para uma Pedagogia do Imaginário*. São Paulo, Tese (doutoramento), ECA/USP, 1989.
- \_\_\_\_\_ *A formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste. *Arte - o seu encantamento e o seu trabalho na educação de educadores. A celebração de metamorfoses da cigarra e da formiga*. São Paulo, Tese (doutoramento), Faculdade de Educação/USP, 1999.
- \_\_\_\_\_ (org.) *Objetos propositores: a mediação provocada*. In: MARTINS, Mirian Celeste (org.). *Mediação: provocações estéticas*, São Paulo, Instituto de Artes/UNESP, vol 1, n. 1, p.94-123, novembro de 2005.
- \_\_\_\_\_ (org.) *Objetos propositores: a mediação provocada*. In: MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa (orgs.) *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- SANTIAGO, Maria Cecília do Amaral C.B. *Uma experiência estética com portadores baixa visão: uma aproximação com a vida*. 2005. 86 p. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-graduação em Artes, Instituto de artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.

### **Mirian Celeste Martins**

<http://lattes.cnpq.br/7167254305943668>

Professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia e Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas. Professora aposentada do Instituto de Artes/UNESP.